



APRESENTAÇÃO

Neste número da revista *Cadernos de Gênero e Diversidade*, apresentamos os textos de duas militantes de origem africana, a argelina Houria Bouteldja e a nigeriana Sokari Ekine. Traduzidos do francês e do inglês, esses textos são as primeiras contribuições do Projeto de Pesquisa, *Sexualidades Dissidentes, Interseccionalidade e Teoria Queer na África: um primeiro mapeamento*, coordenado pela professora Caterina Rea da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que visa à tradução e à circulação de textos de autoras e autores africanas e africanos vinculados ao feminismo e à teoria queer. No próximo número da revista, apresentaremos, de forma mais detalhada, as contribuições de um grupo de autoras/es africanas/os de tendência queer e feminista, que contribuíram para a publicação da primeira coletânea queer africana, o *Queer African Reader*.

As perspectivas de Houria Bouteldja e Sokari Ekine são diferentes e ilustram o amplo espectro de posicionamentos defendidos pelas autoras de origem africana, no debate sobre gênero, sexualidade e colonialidade. Podemos, contudo, evidenciar algumas afinidades que as aproximam: nos textos, aqui apresentados, Houria e Sokari estão ambas preocupadas em problematizar e criticar a maneira através da qual os estudos sobre gênero e interseccionalidade, ou mesmo os estudos *queer*, são conduzidos no mundo ocidental, de maneira a ocultar a agência dos sujeitos não-brancos e oriundos do contexto pós(neo)colonial. Para as duas autoras, a resposta pode vir unicamente de uma perspectiva descolonizada e não eurocêntrica, a partir da qual somente as categorias de gênero e sexualidades dissidentes podem se tornar pertinentes, nos contextos africanos, ou nas periferias francesas, majoritariamente habitadas por uma população oriunda da África negra, do Magreb e das Antilhas. Ambas sinalizam a importância de não separar as lutas de mulheres e minorias sexuais não-brancas daquelas do resto da população colonizada e racializada. Nesta perspectiva, Houria e Sokari condenam, irrevogavelmente, o universalismo humanista que se expressa nas agendas políticas dominantes dos movimentos majoritários no campo do feminismo e da luta LGBT, seja na França ou ao nível internacional. A posição de Sokari parece, porém, mais firme na crítica que, ao mesmo tempo, ela dirige contra o culturalismo e o fundamentalismo religioso de certos líderes políticos nacionalistas africanos, enquanto Houria se apressa a defender a vertente “conservadora” do Islã das periferias e apresenta as “concessões feitas ao patriarcado indígena” como um compromisso às vezes necessário, ou como uma estratégia de luta contra o racismo e a sociedade colonial. Ou seja, como o reconhecimento das “condições da existência concreta”, que impõem, em contrapartida, “a diminuição das liberdades”. O que dizer, então, da homossexualidade? Pode ser ela africana? Em que maneira ela toca as comunidades não brancas, muçulmanas e, em geral, os sujeitos coloniais?

Este número da revista pretende trazer à tona a noção de interseccionalidade e questionar se ela constitui ainda uma categoria emancipadora, útil para discutir e enfrentar as relações de dominação, ou se ela não estaria passando, hoje, por um processo de embranquecimento e de hegemonização, sendo, muitas vezes, atraída para dentro de um discurso policiado e moderado sobre os desequilíbrios sociais. O texto de Caterina Rea tenta analisar os fundamentos filosóficos da categoria de interseccionalidade, enquanto noção central de uma epistemologia da dominação. Como evidenciado por Mari

Matsuda e Kathy Davis, esta categoria nos habitua a um exercício interdisciplinar, que consiste em colocar sempre a “estratégia da outra questão”. Tal noção se apresenta, assim, capaz de colocar, ao mesmo tempo, contra a parede tanto o universalismo eurocêntrico, presente em um certo feminismo hegemônico, como o culturalismo essencialista, que não dão, ambos, conta do fenômeno complexo e imbricado da dominação e das identidades dos grupos por ela afetados.

Seguem, neste dossiê, dois artigos de cunho mais prático. O primeiro, “Na cidade e no campo: violência contra as mulheres do assentamento Zumbi dos Palmares”, de Alessandra Maria da Silva, Marinete dos Santos Silva, Ubirajara Santiago de Carvalho Pinto, apresenta uma pesquisa qualitativa, conduzida com mulheres do assentamento Zumbi dos Palmares, que foram vítimas de violências domésticas. A violência patriarcal parece aqui intimamente coproduzida por outros marcadores sociais, como a situação de vulnerabilidade econômica e a localização geográfica afastada, que tornam mais difícil o acesso a uma adequada informação e a políticas públicas:

Em locais em que há dificuldade de mobilização e de informação da população, além de falta de iniciativas do poder público, a violência doméstica permanece baseada na própria crença do agressor quanto à impunidade. Dessa forma, é provável que milhares de mulheres rurais permaneçam sob situação de risco, pela falta de serviços públicos essenciais.

O segundo artigo, “Homofobia na escola: problematizando gênero e sexualidade entre estudantes do ensino médio”, de Luan Layzon Souza Silva e Francisco Francinete Leite Junior, representa uma pesquisa-intervenção, que lida com questões de gênero e sexualidade em contexto escolar. O texto conclui que os muros das escolas constituem um espaço de medo e sofrimento, onde violências físicas e verbais são constantemente vivenciadas pelos jovens LGBT e onde a discussão sobre gênero e sexualidades ainda permanece, em grande medida, um tabu.

Esse número conta também com a entrevista do professor titular da Universidade de São Paulo Kabengele Munanga, que se reivindica um “sujeito ex-colonizado”, uma vez que seu país, na época em que estudou antropologia, era uma colônia belga. Além dessa fantástica trajetória, a entrevista revela o importante projeto político da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) que deve, para ele, manter sua identidade territorial e cultural como uma universidade negra. Citando Milton Santos, para quem “para ser um cidadão do mundo, é preciso ser, antes de mais nada, um cidadão de algum lugar”, o professor aborda questões centrais no campo das ações afirmativas, as agendas dos movimentos negros e contra as opressões na atualidade e o papel da escola e da sociedade nas lutas antirracistas.

O número traz ainda um diário de campo intitulado “Sufocamento dentro de um Armário, pressão longe do mesmo: relato de experiência em uma escola LGBT” de Renan Antônio Silva, que aborda a experiência autônoma de uma escola LGBT em Campinas/SP. Por fim, o livro “Poliamor e Relações Livres: do amor à militância contra a monogamia compulsória” de Mônica Araújo Barbosa é resenhado por Milena Flick.

Boa leitura!

Caterina Alessandra Rea
Felipe Bruno Martins Fernandes
Mariângela Moreira Nascimento